

O ouro na Amazônia e na Bíblia *Gold in the Amazon and in the Bible*

Resumo

Desde o quinto milênio antes de Cristo, o ser humano extrai o ouro da terra e se agrega com seu valor. Com isso, o metal tornou-se o maior representante de riqueza, posição social e poder. Inclusive entrou no espaço sagrado como objeto religioso e/ou ídolo. A Bíblia testemunha esse processo ao olhar para Israel e as nações vizinhas dele, contemplando os diversos períodos dos patriarcas até o cristianismo primitivo. Contudo, o conjunto dos textos em questão, lidos por judeus e cristãos como Palavra de Deus e Sagrada Escritura, traz uma reflexão profética e/ou crítica em relação ao ouro. Ora a Bíblia descobre a função social desse metal tão valorizado, ora promove a ideia de que existe algo ainda mais valioso, isto é, os mandamentos de Deus, a sabedoria e/ou o anúncio do Evangelho trazido por Jesus. Assim, religiosamente, prevalece a proposta da superação do ouro. Com isso, a presente pesquisa visa ao diálogo entre, de um lado, a realidade atual na Amazônia, marcada pela extração desenfreada do ouro, com prejuízos incalculáveis para a natureza e as populações locais, e, do outro, a milenar sabedoria bíblica, na esperança de que esta última traga sua palavra profética ao encontro dos gritos da terra e do pobre.

Palavras-chave: Ouro, Amazônia, Bíblia.

Abstract

Since the fifth millennium before Christ, human beings have been extracting gold from the earth and adding value to it. As a result, the metal became the greatest representative of wealth, social position and power. It even entered the sacred space as a religious object and/or idol. The Bible bears witness to this process by looking at Israel and its bordering nations, covering the various periods from the patriarchs to early Christianity. However, the texts in question, read by Jews and Christians as the Word of God and Sacred Scripture, offer a prophetic and/or critical reflection on gold. Sometimes the Bible discovers the social function of this highly valued metal, sometimes it promotes the idea that there is something even more valuable, namely God's commandments, wisdom and/or the proclamation of the Gospel brought by

¹ Mestre em História pela PUC-SP, Brasil, e doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade de Filosofia e Teologia St. Georgen em Frankfurt, Alemanha. Professor na Faculdade de Teologia da PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento). E-mail: mgrenzer@pucsp.br

² Bacharel em Teologia. Coordenador da Rede Igrejas e Mineração, Assessor da Comissão Especial para Ecologia Integral e Mineração da CNBB, da Rede Eclesial Panamazônica (REPAM) e da Confederação Latinoamericana de Religiosos (CLAR). E-mail: padredario@gmail.com

Jesus. Thus, religiously, the proposal to surpass gold prevails. With this in mind, the present research aims to create a dialogue between the current reality in the Amazon, marked by the unbridled extraction of gold, with incalculable damage to nature and local populations, and the millennia-old wisdom of the Bible, in the hope that the latter will bring its prophetic word to meet the cries of the earth and the poor.

Keywords: Gold, Amazon, Bible.

1. Introdução

Ao focar na temática do *ouro*, o estudo a seguir pretende promover um encontro e/ou favorecer um diálogo entre a realidade atualmente vivida na Amazônia e a reflexão presente nos milenares textos bíblicos. É comum e, em geral, enriquecedor buscar antigos saberes e modelos de comportamento para, assim, contribuir com os contemporâneos debates sobre valores e cuidados. Com isso, tornar-se-á evidente que, também no que se refere ao ouro, ocorre um entrelaçamento das dimensões antropológicas, ambientais e religiosas, tanto na Bíblia como na Amazônia.

Como ponto de partida nesta investigação (1), visa-se, inicialmente, à leitura crítica da busca de ouro na Amazônia. Mesmo diante da dificuldade de encontrar fontes confiáveis, é preciso arriscar-se com a descrição da realidade dolorosa, esforço que, inevitavelmente, resultará em denúncias. No entanto, esse esforço se deve às vítimas. Em seguida (2), foca-se na presença do ouro nos textos bíblicos. Questões referentes à extração, à valorização, à sagração, mas também à superação desse metal precioso vão ganhar espaço. Por fim, em forma de considerações finais, favorecendo o diálogo entre a Amazônia e a Bíblia, mira-se, inclusive, a formulação de alguns propósitos em vista do ouro, a fim de, junto à sabedoria milenar que judeus e cristãos consideram a Palavra de Deus, atender os clamores da terra e do pobre.

2. O ouro na Amazônia

Ainda temos diante dos olhos as imagens desumanas dos corpos dos indígenas Yanomami³, desfigurados pela fome, invadidos em seus territórios por mais de 20 mil garimpeiros. Naquele mesmo ano (2023), a Igreja do Brasil celebrava a Campanha da Fraternidade contra a fome. A mineração de ouro provocou doenças e morte, vitimando especialmente os anciãos, mestres e custódios da sabedoria ancestral, e mais de 570 crianças indígenas, que gritam ao céu e às nossas consciências. Apesar de tamanhos impactos, o ouro continua sendo considerado o elemento mais precioso. Seu valor comercial quase duplicou nos

³ Disponível em: <<https://cimi.org.br/2023/03/a-onu-lider-yanomami-denuncia-invasao-do-garimpo-estru-po-doencas-e-a-morte-de-570-criancas-indigenas/>>. Acesso em: 6 maio 2024.

últimos dez anos, multiplicando com isso a ganância e a violência, especialmente nas fronteiras amazônicas⁴.

Pouco mais de 10% do ouro é destinado a usos tecnológicos ou médicos. O resto não tem utilidade para as necessidades humanas. Portanto, a maior parte serve como garantia de estabilidade financeira dos Estados, em seus Bancos Centrais. “Tiramos ouro das minas para enterrá-lo nas caixas-fortes dos bancos!” – denunciam as comunidades atingidas. Assim, os grandes países europeus e os Estados Unidos detêm mais de 60% de suas reservas internacionais em ouro⁵. Mais ainda: grandes multinacionais da mineração investem cada vez mais na extração de ouro, com uso maciço de cianeto e fortes impactos sobre a água e as populações camponesas que a utilizam, como no caso Yanachocha em Cajamarca, Peru⁶. Outro exemplo dramático é a Mina Marlin, na Guatemala, abandonada depois de doze anos de extração de ouro⁷. O que sobrou são fontes de água envenenada, uma terra ferida, fome e desemprego.

O ouro extraído é difícil de refinar: conseguem-se cerca de 0,3 gramas de ouro por tonelada de terra. Dessa forma, para confeccionar a um anel de ouro de 10 gramas, é preciso explodir e remover 20 toneladas de outros materiais, usar cerca 1,5 kg de cianeto e 7 mil litros de água. O ouro aluvial – encontrado nas margens dos rios – é um pouco mais conveniente. Conseguem-se cerca de 10 gramas de ouro por tonelada. “A pureza do ouro na Amazônia tem sido sua condenação”, comenta um precioso estudo de *Ojo Público*, que citaremos também a seguir⁸.

Não podemos, porém, permanecer com a imagem simplista do garimpeiro artesanal em busca da sorte nas beiras de um rio: o garimpo na Amazônia está investindo cada vez mais capital, tecnologia e máquinas pesadas, tornando-se um negócio estruturado, cada vez mais controlado por facções criminosas. É o narcoextrativismo.

Ojo Público comprovou que, entre 2014 e 2023, cinco países andino-amazônicos exportaram mais de 3 mil toneladas de ouro de alta pureza de origem informal e ilegal. Nesse período, as exportações de Peru, Colômbia, Brasil, Equador e Bolívia aumentaram em 9,5%.

Estima-se que existam mais de 2.500 focos de mineração ilegal na bacia amazônica.⁹ Os impactos do garimpo nas bacias hidrográficas e nos territórios

⁴ Entre 2014 e 20124, o valor do ouro passou de USD 1.225 para 2.356, a cada onça.

⁵ Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2019/09/24/onde-esta-guardado-o-ouro-do-mundo.ghtml>>. Acesso em: 6 maio 2024.

⁶ Disponível em: <<https://www.ocmal.org/20-anos-de-mineria-a-tajo-o-cielo-abierto-en-cajamarca-y-las-heridas-siguen-abiertas/>>. Acesso em: 6 maio 2024.

⁷ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/2023/aug/18/fighting-huge-monster-mine-battle-guatemala-playbook-polluters?ref=alleenbrown.ghost.io>>. Acesso em: 6 maio 2024.

⁸ El oro de la destrucción: una década de minería ilegal y lavado, investigación de la Red Investigativa Transfronteriza Ojo Público. Disponível em: <<https://ojo-publico.com/especiales/latinoamerica/las-rutas-del-oro-sucio-amazonia/es/>>. Acesso em: 11 maio 2024.

⁹ Disponível em: <<https://asambleaundialamazonia.org/2023/05/18/salvemos-a-amazonia-da-mineracao-e-do-mercurio/>>. Acesso em: 6 maio 2024.

são tão fortes que, mesmo se fossem interrompidas agora todas as atividades, seriam necessários pelo menos de 30-40 anos para rios e terras degradadas se recuperarem. Associadas ao garimpo, estão diversas outras atividades ilegais na floresta, como a exploração da madeira, as invasões de terra, a pecuária nas bordas etc.¹⁰.

Como acenado, a expansão do garimpo está diretamente vinculada ao fortalecimento do narcotráfico na Amazônia, particularmente pela facilidade de lavagem de dinheiro. A fragilidade da rastreabilidade e a falta de devida diligência no comércio das matérias-primas permitem que o ouro ilegal entre facilmente na economia legal.

Estima-se que cerca de 30% da produção brasileira de ouro, hoje, seja irregular¹¹. E 90% da produção ilegal de ouro do Brasil vem da Amazônia¹². Neste país, a área minerada em terras indígenas cresceu 265% nos últimos cinco anos.

No Equador, cada vez mais marcado pela violência, o crime organizado ligado aos grandes cartéis internacionais de drogas controla 20 minas ilegais de ouro, extorque 30 minas de empresas privadas, cobra entre 300 e 900 dólares a cada pessoa que busque trabalhar num garimpo, controla 40 grupos de mineiros ilegais e lucra cerca de 3,6 milhões de dólares por mês¹³.

Existem setores da Colômbia onde a mineração ilegal financia até metade da economia dos grupos armados.

Há poucos esforços, até agora, em impor leis e mecanismos para a rastreabilidade do ouro e a verificação de toda a cadeia de extração e comércio dele. Ainda mais porque alguns dos principais países compradores, como os Emirados Árabes Unidos, a Índia e a China, seguem dispostos a comprar ouro com padrões mais flexíveis.

Tendo nos ouvidos e no coração o grito sufocado dos povos e dos territórios amazônicos, vítimas desses conflitos, os organizadores da Tenda “Amazônia Casa Comum”, por ocasião do Sínodo para a Amazônia, em 2019, declararam sem meios-termos que “a mineração é um Mal Comum na Amazônia”¹⁴.

Escrevemos, portanto, este artigo para problematizar a associação simbólica do ouro ao esplendor, à dignidade e à pureza. Cientes do papel da religião em corroborar essa associação de valores, investigamos sobre a concepção do

¹⁰ Beto Veríssimo, engenheiro agrônomo e cofundador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/12/06/mineracao-na-amazonia-bate-recordes-de-desmate-nos-ultimos-dois-anos-e-avanca-sobre-areas-de-conservacao.ghtml>>. Acesso em: 6 maio 2024.

¹¹ El oro de la destrucción – Ojo Público

¹² B. Manzolli, R. Rajão, A. C. Haliuc Bragança, P. de Tarso Moreira Oliveira, G. Kenner de Alcântara, F. Nunes, B. Soares-Filho, Legalidade da Produção de Ouro no Brasil. Disponível em: <http://www.lage-sa.org/wp-content/uploads/documents/Manzolli_Rajao_21_Illegalidade%20cadeia%20do%20Ouro.pdf>. Acesso em: 6 maio 2024.

¹³ Disponível em: <<https://ojo-publico.com/4909/narcomafias-del-oro-ecuador-las-minas-del-grupo-criminal-los-lobos>>. Acesso em: 6 maio 2024.

¹⁴ Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-10/em-roma-durante-o-sinodo-exposicao-fotografica-amazonia.html>>. Acesso em: 6 maio 2024.

ouro na Bíblia, tentando desconstruir categorias e inspirar novas práticas espirituais, litúrgicas e sociotransformadoras.

3. O ouro na Bíblia

Seis vocábulos diferentes visam, na *Bíblia Hebraica*, ao metal mais precioso do ouro. Esse fato torna, inclusive, exigente a tarefa de compreender as conotações mais exatas de cada vocábulo e, conseqüentemente, a tradução deles para a língua portuguesa. Com trezentos e oitenta e nove presenças, o vocábulo “ouro (זָהָב)”¹⁵, de longe, é o mais comum. Além dele, por sua vez, ainda há nove presenças da palavra “ouro puro (פִּיז)”, nove presenças do vocábulo “ouro fino (כֶּתֶם)”, seis presenças da palavra “ouro amarelo (תְּרִיזִין)”, duas presenças do vocábulo “minério de ouro (רֶצֶד)”, e uma presença do vocábulo “ouro maciço (תְּגִיר)”.¹⁵ Portanto, a *Bíblia Hebraica* traz o ouro quatrocentas e dezesseis vezes ao encontro de seu(sua) ouvinte-leitor(a). Organizado de forma temática, o presente estudo se propõe a visitar todos os textos e, com isso, a trazer todas as referências que, na *Bíblia Hebraica*, mencionam o ouro¹⁶.

Junta-se a isso ainda o encontro com o *Novo Testamento*, mesmo que o “ouro (χρυσίον e χρυσός)”, com vinte e duas menções, “desempenhe um papel muito menor” na segunda parte da Bíblia cristã (MARKL, 2010, p. 3). Isso, porém, não significa que, outra vez, uma marcante reflexão teológica possa acompanhar o metal em questão.

3.1 A extração do ouro

Ao pensar no contexto histórico-geográfico do Israel bíblico e, com isso, no antigo Oriente Próximo, ouro, “um metal que não mancha e que mantém sua cor e sua dureza através do tempo” (DAVIAU, 2022, p. 617), é encontrado em poucos lugares. Menciona-se, na *Bíblia Hebraica*, primeiramente “Hévilá (הַוִּילָה)”, região “circundada pelo Fison (פִּישׁוֹן)”, como lugar “onde há ouro (זָהָב)” (Gn 2,11). E “o ouro dessa terra” é avaliado como “bom” (Gn 2,12). Ao procurar pelo rio mencionado no texto bíblico, “uma suposição comum o liga ao curso superior do Nilo ou mais precisamente à sua nascente oriental, o Nilo Azul”, rio que hoje passa pelos territórios da Etiópia e do Sudão (FISCHER, 2018, p. 195). Além de Hévilá, “Ofir (אוֹפִיר)”, no sul da península arábica, é conhecida como lugar de extração de “ouro (זָהָב)” (1Rs 9,28; 10,11; 22,49; 1Cr 29,4; 2Cr

¹⁵ No que se refere à identificação da carga semântica de cada vocábulo hebraico compreendido como “ouro”, ver Dietrich; Arnet (2013) e Kedar-Kopfstein (1980, p. 32-35). Cabe mencionar ainda que, com uma escrita e pronúncia semelhante ao vocábulo “ouro (זָהָב)”, existe a palavra a ser compreendida como “amarelo (צָהָב)” (Lv 13,30.32.36).

¹⁶ Além do ouro, a *Bíblia Hebraica* menciona os seguintes metais: “prata (כֶּסֶף)” (ver Gn 13,2 e outras quatrocentas referências), “chumbo (נְעִיבָה)” (Ex 15,10; Nm 31,22; Jr 6,29; Ez 22,18.20; 27,12; Zc 5,7.8; Jó 19,24), “estanho (בְּרִיל)” (Nm 31,22; Ez 22,18.20; 27,12; Zc 4,10), “ferro (בְּרִזִּל)” (ver Gn 4,22 e outras setenta e cinco vezes) e o “cobre (נְחָשֶׁת)” ou “bronze (נְחָשֶׁת)” (Gn 4,22 e outras cento e trinta e nove vezes), sabendo-se que este último é uma liga metálica com base no cobre e estanho.

8,18; 9,10; Jo 22,24) e, inclusive, de “ouro fino (קָהָם)” (Is 13,12; Sl 45,10; Jó 28,16)¹⁷. Portanto, no que se refere ao Israel bíblico, além de o metal em questão ser “raro” (Is 13,12), ele vem de longe. Isto é, ele precisa ser importado.

Os textos contidos na *Bíblia Hebraica* também imaginam o trabalho tecnicamente exigente e árduo dos mineradores. “Distante” de qualquer lugar “com hóspede”, estes últimos “abrem uma galeria (נִחַל)”, isto é, “um túnel” ou um “eixo mineiro”, a fim de, ao “ficarem suspensos” e “tiritarem longe de qualquer mortal” (Jó 28,4), buscarem o metal valioso nesse “lugar para o ouro (מְקוֹם לְזָהָב)” (Jó 28,1). Em vista disso, “a terra é revolvida por debaixo dela como por um fogo” (Jó 28,5), uma vez que nela, além de outros metais e pedras preciosas, se encontram “os póis de ouro (עֵפְרַת זָהָב)” (Jó 28,6). No entanto, além de o ouro ser “extraído da rocha aurífera (Jó 28,6)”, também se tem ouro em “depósitos secundários nas areias aluviais (ver o nome edomita ‘Mezaab’, isto é, ‘águas de ouro מַי זָהָב em Gn 36,3w9; 1Cr 1,50)” (KEDAR-KOPFSTEIN, 1980, p. 35). Dificilmente, porém, alguém melhor de vida se expunha a esse trabalho exigente.

Após ter sido tirado da terra, o ouro, assim como os demais metais, precisa ser purificado, outro processo de trabalho diversas vezes mencionado na *Bíblia Hebraica*. No caso, “os metais que, nos minérios, são encontrados apenas em ligas” – veja-se a “pedra de estanho” (Zc 4,10) –, “no processo metalúrgico, são separados de acordo com os seus diferentes pontos de fusão por aquecimento” (BÖHLER, 2021, p. 232). Com isso, fala-se do “fogo (אֵשׁ)” (Ml 3,2) usado pelo “ourives/fundidor (מְצַרֵּף ou מְצוּרֵף)” (Jz 17,4; Is 40,19^{2x}; 41,7; 46,6; Jr 6,29; 9,6; 10,14; 51,17; Ml 3,2,3; Pr 25,4; Ne 3,8.32), que, numa “fornalha/forno de fusão (כּוּר)” (Dt 4,20; 1Rs 8,51; Is 48,10; Jr 11,4; Ez 22,18.20; 22,22; Pr 27,21) ou num “cadinho (עֲלִיל) de terra” (Sl 12,7), tem sua temperatura aumentada ao “soprar-se um fole (מַפְחָה)” (Jr 6,29). Dessa forma, o fundidor – junto ao “artesão (תָּרֵשׁ)” (Is 40,19; 41,7; Jr 10,9), ao “aplainador a martelo (מְחַלֵּיק פְּטִישׁ)” (Is 41,7) e a “quem bate (הוֹלֵם) a bigorna (פְּעֵם)” (Is 41,7) para a “solda (דְּבִיק)” (Is 41,7) – produz, com o metal “fundido (צָרוּף)” (Sl 12,7; 66,10^{2x}), por exemplo uma “imagem de metal (מַסְכָּה)” (Jz 17,4) ou uma “estatueta (פְּסֵל)” (Is 40,19; Jr 10,14; 51,17).

O processo de fundição é trabalhoso. O “purificador (מְטַהֵר)” (Ml 3,3) “refina” ou “aquilata (זִיקָה) o metal (Ml 3,3; Sl 12,7; Jó 28,1; 1Cr 28,18; 29,4), até “sete vezes” (Sl 12,7). Isto é, “funde-se (צָרָה)” (Zc 13,9^{2x}) e/ou “prova-se (בַּחֹן)” (Zc 13,9^{2x}) o metal para dele “afastar todo resíduo (בְּדִיל)” indesejável (Is 1,25) e/ou a “escória (סִיג)” (Is 1,22.25; Ez 22,18.19; Sl 119,119; Pr 25,4; 26,23), inclusive com o uso de “potássio (פֶּר) (Is 1,25). Após ter o metal à disposição, outros trabalhos se seguem, como “estirar” e/ou “laminar (רִיקַע)” o metal (Ex 39,3; Nm 17,4; Is 40,19; Jr 10,9), a fim de usá-lo de diversas maneiras.

¹⁷ Segundo a árvore étnica em Gn 10, um “Hévila” é filho de “Cuch”, vizinho no sul do Egito e irmão de “Sebá” (Gn 10,7). Outro “Hévila”, filho de Jectã, é tido como irmão de “Ofir” e de “Sabá” (Gn 10,29; Sl 72,10.15). Ver o mapa correspondente no “Atlas bíblico” (ZWICKEL, 2010, p. 31).

3.2 A valorização do ouro

Extraído por ser um metal precioso, o ouro acompanha o Israel bíblico dos patriarcas até o cristianismo primitivo, isto é, em um espaço cronológico e/ou um mundo narrado que se estende, aproximadamente, por dois milênios. É indicador de riqueza e, por consequência, de uma posição social elevada. Assim, Abraão já é descrito como “pesado em propriedade (מְקַנָּה), prata (כֶּסֶף) e ouro (זָהָב)” (Gn 13,2). E, enviado para buscar uma noiva para Isaac, o servo de Abraão oferece ricos presentes à família dela, inclusive joias de “ouro” (Gn 24,22^{2x}.35.53). Mais tarde, José, após a sua nomeação como administrador do Egito pelo faraó, anda com um “colar de ouro (רִבְדֵי זָהָב) no pescoço” (Gn 41,42), além de contar com “prata e ouro” em sua “casa” (Gn 44,8).

No entanto, os textos no Pentateuco também promovem a ideia de os bens materiais trazerem consigo responsabilidades sociais. Nesse sentido, narra-se como “os egípcios são libertados” quando entregam “objetos de prata, objetos de ouro (כֶּסֶף וְזָהָב) e vestimentas” aos hebreus (Ex 3,22; 11,2; 12,35; Sl 105,37), equipando estes últimos para sua saída e seu caminho rumo à Terra Prometida e/ou à liberdade. Indica-se com isso “a participação ativa de quem tem condições para isso no processo de libertação dos miseráveis” (GRENZER; PAULA, 2020, p. 175). Isto é, salva-se quem investe seu ouro no necessitado e quem, como Balaão, nem por uma “casa cheia de prata e ouro transgride a ordem do SENHOR” (Nm 22,18; 24,13).

Por consequência, o legislador israelita imagina que os bens “se tornem numerosos e que prata e ouro aumentem” à medida que o povo “não se esquece do SENHOR, seu Deus”, mas dá atenção “aos mandamentos, aos julgamentos e às prescrições dele” (Dt 8,13). Esse processo, por sua vez, inclui o bom senso em relação às posses, uma vez que os bens materiais aumentam o perigo de não dar a devida atenção ao direito e, com isso, à proposta de justiça provinda de Deus. Justamente em vista disso, vale, inclusive, para o rei a máxima de “não multiplicar, para si, ouro e prata em demasia” (Dt 17,17), mas “dar do ouro” ao necessitado, pobre e/ou oprimido (Sl 72,15).

A aquisição de ouro no Israel bíblico ocorre via “tributos, despojos de guerra ou comércio internacional” (HÜBNER; ZANGENBERG, 2009, p. 385). No caso, descreve-se em diversos textos como, com outros metais, o “ouro (זָהָב)” é obtido por meio de uma ação militar, a fim de pertencer às tribos e/ou entrar no tesouro do templo e/ou do palácio (Nm 31,22; Js 6,19.24; 22,8; 2Sm 1,24; 8,7.10.11; 12,30; 2Rs 7,8; Na 2,10; Zc 14,14; Dn 11,43; 1Cr 18,7.10.11; 20,2). Narra-se inclusive que alguém, cultivando interesses ilegítimos, desvia o metal precioso (Js 7,21.24). Em contrapartida, porém, também Israel e/ou Judá, repetidamente, são saqueados por outros e/ou sofrem com os tributos que lhes são impostos (2Sm 21,4; 1Rs 14,26; 15,18.19; 20,3.5.7; 2Rs 12,19; 14,14; 16,8; 18,14; 23,33.35^{2x}; 24,13; 25,15^{2x}; Ez 38,13; Jl 4,5; 2Cr 12,9; 16,2.3; 25,24; 36,3). Assim, dito de forma metafórica, “os filhos de Sião” se tornam “ouro (זָהָב) escuro ou

ouro fino (אָהָר) modificado” (Lm 4,1), no sentido de os anteriormente “preciosos e pagos com ouro puro (אָהָר)” agora “somente serem considerados jarras de argila” (Lm 4,2).

O “ouro (אָהָר)” em atividades comerciais e/ou relações políticas, inclusive como indicador do poder de quem governa e/ou da riqueza pertencente a Israel ou outra nação, é atestado em 1Rs 9,11.14; 10,2.10.14^{2x}.16^{2x}.17^{2x}.18.21^{2x}.22.25; 2Rs 5,5; 20,13; Is 39,2; 60,6.9.17; Jr 51,7; Ez 27,22; 28,4.13; Zc 9,3; Sl 21,4; 45,10.14; 72,15; Jó 3,15; Ct 3,10; Lm 4,1; Est 1,6.7; 4,11; 5,2; 8,4.15; Dn 11,8; Ne 7,69; 1Cr 21,25; 2Cr 1,15; 8,18; 9,1.9.10.13^{2x}.14.15^{2x}.16^{2x}.17.18.20^{2x}.21.24; 21,3; 32,27. Também se contempla o “ouro” na vida das pessoas comuns e, em especial, das mulheres, inclusive como expressão de beleza (Jó 42,11; Pr 11,22; 20,15; Ct 1,11; 5,11.14.15; Ecl 2,8; 12,6; Ne 7,70.71). Ao olhar para o povo de Deus, porém, critica-se o uso do “ouro” para a fabricação de ídolos e/ou para o serviço a deuses estrangeiros (Is 2,7.20; Ez 16,17; Os 2,10), visando-se, em geral, a um processo de purificação semelhante à fundição do “ouro” (Zc 13,9; Ml 3,3; Jó 23,10; Pr 17,3; 27,21). Enfim, sabe-se profeticamente que o “ouro não liberta” (Ez 7,19^{2x}; 16,13; Sf 1,18; Jó 31,24), inclusive pelo fato de o conquistador “não gostar do ouro” (Is 13,17), no sentido de ser “incorrupível” (BEUKEN, 2007, p. 76).

3.3 A sagração do ouro

Como nas culturas vizinhas, o ouro também é valorizado religiosamente no Israel bíblico e, com isso, “usado muitas vezes na confecção de artigos religiosos” (WAKELY, 2011, p. 1052). Dessa forma, atribui-se um caráter sagrado e/ou um respeito religioso ao metal precioso em questão, ora para cultuar o Senhor, Deus de Israel, ora na adesão aos ídolos.

Nesse sentido, vale a pena olhar primeiramente para o “santuário (אֹהֶל מוֹעֵד)” (Ex 25,8) portátil no deserto, que faz parte da espiritualidade exodal. Nele “reside o Deus que se tornou peregrino com os peregrinos, viajante com os viajantes”, isto é, “um Deus mais ligado a pessoas do que a lugares”, justamente “para vir habitar no meio de seu povo, para caminhar com ele no deserto e para guiar sobre a estrada que leva à Terra Prometida” (SKA, 2022, p. 113 y 115). Tanto as instruções para a construção e o equipamento desse espaço sagrado (Ex 25,1–31,17) como a narrativa sobre a doação, a realização dos trabalhos e a edificação da “morada ((אֹהֶל מוֹעֵד))” (Ex 25,9) ou “tenda do encontro (אֹהֶל מוֹעֵד)” (Ex 27,21) em Ex 35–40 dão destaque aos materiais preciosos usados na empreitada. Assim, de acordo com a generosidade do coração de cada pessoa, “ouro (אָהָר)” foi disponibilizado pelo povo (Ex 25,3; 35,5.22^{2x}), a fim de que Beseleel “planejasse os projetos” e “trabalhasse com o ouro” (Ex 31,4; 35,32). Faz-se até um relatório de gastos a respeito de “todo o ouro aplicado para o trabalho” (Ex 38,24), “ouro” que antes foi apresentado como “oferta movida” (Ex 38,24). Mais tarde, há as ofertas dos chefes das tribos, que incluem “tigelas

(כֶּפֶזוֹת) de ouro (זָהָב) (Nm 7,14.20.26.32.38.44.50.56.62.68.74.80.84.86^{2x}), e o “ouro (זָהָב)” trazido pelos “comandantes de mil e de cem” após a vitória sobre os madianitas (Nm 31,50.51.52.54).

Com isso, no que se refere ao mobiliário, os ourives “revestem a arca de ouro puro (זָהָב טָהוֹר)” (Ex 25,11; 37,2) e fazem para ela “a bordadura de ouro (זֶרֶבֶת זָהָב)” (Ex 25,11; 37,2) e, para carregá-la, as “quatro argolas de ouro” (Ex 25,12; 37,3) e os “varais de ouro” (Ex 25,13; 37,4). Também a “tampa de reconciliação”, que cobre a arca, é de “ouro puro” (Ex 25,17; 37,6). Inclusive os “dois querubins” instalados sobre a tampa são de “ouro” (Ex 25,18; 37,7). “Revestidos com ouro” são também a “mesa (שֻׁלְחָן)” dos pães (Ex 25,24; 37,11) e as partes ou objetos que lhe pertencem: a “bordadura” (Ex 25,24; 37,11), a “moldura” (Ex 25,25; 37,12), as “argolas” (Ex 25,26; 37,13), os “varais” (Ex 25,28; 37,15), os “pratos”, as “bandejas”, as “jarras” e as “taças” (Ex 25,29; 37,16). Também a “menorá (מְנוֹרָה)” deve ser de “ouro puro” (Ex 25,31; 37,17), com todas as suas partes e utensílios – os “botões” e as “hastes” (Ex 25,36; 37,22), as “sete lamparinas” (Ex 37,23), as “espevitadeiras” e os “cinzeiros” (Ex 25,38; 37,23). Isto é, a menorá e seus apetrechos são de “um talento de ouro puro”, algo correspondente a trinta e quatro quilogramas (Ex 25,39; 37,24; Nm 8,4). No mais, “o altar de queima de incenso” (Ex 30,1) deve ser “revestido de ouro” (Ex 30,3; 37,26; 39,38; 40,5.26; Nm 4,11; Hb 9,4) e receber uma “bordadura de ouro” (Ex 30,3; 37,26), “argolas de ouro” (Ex 30,4; 37,27) e “varais revestidos de ouro” (Ex 30,5; 37,28). Por fim, pensando na construção do santuário, “tábuas” (Ex 26,29; 36,34), “barras” (Ex 26,29; 36,34), “colunas” (Ex 26,32.37; 36,36), “capiteis” e padieiras” (Ex 36,38) devem ser “revestidos de ouro”. Mais ainda, os “colchetes para unir as cortinas” hão de ser de “ouro” (Ex 26,6; 36,13), assim como “argolas” (Ex 26,29; 36,34) e “ganchos” (Ex 26,32.37; 36,36).

No caso das vestes sacerdotais, “estirando lâminas de ouro” (Ex 39,3), diversas partes do “efod” (Ex 28,6; 39,2) são trabalhadas em ouro: “a faixa tecida do ajustado dele” (Ex 28,8; 39,5), os “encaixes” das duas pedras de ônix sobre as ombreiras (Ex 28,11.13; 39,6), as “correntes” (Ex 28,14), o “peitoral” (Ex 28,15; 39,8) com as doze pedras nele fixadas e “quadriculadas em ouro” (Ex 28,20; 39,13), as “correntes trançadas” sobre este último (Ex 28,22; 39,15), as “argolas” (Ex 28,23.26.27; 39,16.19.20) e “as cordas nas argolas” (Ex 28,24; 39,17). Finalmente, há ainda as “campainhas de ouro” sobre as abas da capa do efod (Ex 28,33.34^{2x}; 39,25) e o “adorno de ouro puro” (Ex 28,36; 39,30; Lv 8,9) fixado no turbante.

De forma semelhante, ofertas de “ouro (זָהָב)” acompanham a “arca” em seu caminho rumo a Jerusalém” (1Sm 6,4^{2x}.8.11.15.17.18) e, amplamente, o templo para ela construído nessa cidade, tanto o primeiro no período da monarquia, destruído pelos babilônios em 587 a.C., como o segundo, construído nos anos 520 a 515 a.C. e destruído pelos romanos no ano de 70 d.C. (1Rs 6,20.21^{3x}.22^{2x}.28.30.32^{2x}.35; 7,48^{2x}.49^{2x}.50^{2x}.51; 15,15; 2Rs 12,14; Jr 52,19^{2x};

Ag 2,8; Zc 4,2.12^{2x}; 6,11; Esd 1,4.6.9.10.11; 2,69; 8,25.26.27^{2x}.28.30.33; 1Cr 22,14.16; 28,14^{2x}.15^{2x}.16.17^{2x}.18^{2x}; 29,2^{2x}.3.4^{2x}.5^{2x}.7; 2Cr 2,6.13; 3,4.5.6^{2x}.7.8.9^{2x}.10; 4,7.8.19.20.21^{2x}.22^{2x}; 5,1; 13,11; 15,18; 24,14).

Apesar desse uso abundante do ouro para cultuar o Senhor, Deus de Israel, a narrativa exodal e as formulações jurídicas no Pentateuco também estão conscientes de que o metal é usado em cultos idolátricos. Exemplo marcante disso é o “bezerro de fundição (בַּעַל מִסְכָּה)”, isto é, um “deus de ouro (אֱלֹהֵי זָהָב)” (Ex 32,31), feito no deserto por Aarão a partir dos “anéis de ouro (בְּנֵי זָהָב)” (Ex 32,2.3.24) anteriormente usados pelo povo. Por isso, o legislador israelita, em forma de mandamento de Deus, proíbe “fazer deuses de prata e deuses de ouro (וְיֵאלֹהֵי זָהָב)” (Ex 20,23) e prescreve “não cobiçar o ouro que está sobre as imagens (פְּסִילִים) de deuses” (Dt 7,25), isto é, os “ídolos (אֱלֹלִים)” pertencentes às outras nações (Dt 29,16).

A crítica às divindades, ou seja, aos “insignificantes (אֱלֹלִים) de ouro” (Is 31,7) e/ou a “imagem laminada com ouro” (Is 40,19) continua, de forma profética, nos demais escritos da *Bíblia Hebraica*. Há quem “glorifica com ouro (וְיִדְבֹד בְּזָהָב)” (Dn 11,38) ou “despeja ouro” para “fazer-se um deus” (Is 46,6), no sentido de pôr sua fé em “modelados (מַצֻּבֵי) de “ouro” (Os 8,4; Sl 115,4; 135,15) e/ou numa “imagem (פְּסִל) recoberta de ouro” (Hab 2,18-19). Todavia, isso não é somente o costume das nações e/ou culturas vizinhas de Israel. Sejam lembrados os dois “bezerras de ouro (בְּעֲבָדֵי זָהָב)” fabricados por Jeroboão, rei de Israel (1Rs 12,28; 2Rs 10,29; 2Cr 13,8), e o “efod” de Gedeão (Jz 8,27), também feito de “ouro” (Jz 8,24.26^{2x}). Contudo, para o povo de Deus, deve valer a máxima de que “o revestimento (מַעֲבָדֵי) áureo (זָהָב) de uma imagem de fundição (מִסְכָּה)” deve ser considerado “excremento” (Is 30,22). Ou seja, mesmo enfeitados com “ouro” (Jr 10,4), inclusive “o ouro de Ufaz” (Jr 10,9), os ídolos “são estúpidos e insensatos”, meras “ilusões (אֱלֹלִים)” e, comparados ao “SENHOR, rei das nações”, não passam de um “espantalho em um campo de pepinos” (Jr 10,5-8).

3.4 A superação do ouro

Com a crítica aos ídolos, as vozes proféticas na Bíblia, em diversos momentos, insistem na relativização do ouro, deixando claro que nenhum valor absoluto e/ou independente cabe ao metal precioso em questão.

Afirma-se que não são “as joias de ouro (בְּיָדֵי זָהָב)” (Jr 4,30), com as quais Jerusalém se adorna, que podem salvar a cidade. E que a “sabedoria (חָכְמָה)” e a “inteligência (בִּינָה) não equivalem” ao “ouro maciço (זָהָב מְגֹרֵר)”, ao “ouro fino (זָהָב מְרִירָה)” e “puro” de “Ofir”, ao “ouro (זָהָב)” e/ou a “artigos de ouro puro (בְּלִי יָצוֹר)” (Jó 28,12.15-17.19), mas lhes são infinitamente superiores. Ou seja, em vez de “colocar o ouro (זָהָב) como sua certeza” ou depositar sua “confiança no ouro puro (זָהָב מְרִירָה)” (Jó 31,24), a proposta, em princípio, é “atirar o minério de ouro (רֶצֶף) ao pó”, mesmo o de “Ofir”, a fim de ter o “Todo-Poderoso como seu minério de ouro (רֶצֶף)” (Jó 22,24-25).

No mesmo sentido, diversos provérbios manifestam suas opções. Sublinha-se que “o fruto” da “sabedoria” é “melhor do que ouro amarelo (קָרוֹץ) e o ouro puro (פֶּזֶז)” (Pr 8,12.19). Cabem a seguinte pergunta e afirmação: “O que é melhor do que ouro amarelo (קָרוֹץ)? Adquirir sabedoria” (Pr 16,16), uma vez que “o produto dela é melhor do que o ouro amarelo (קָרוֹץ)” (Pr 3,14). Da mesma forma, “a boa graça (חֵן)” ou “a comiseração é melhor do que ouro (זָהָב)” (Pr 22,1). Por isso, prevalece o seguinte imperativo: “Aceitai o conhecimento mais do que o ouro amarelo (קָרוֹץ)”, por mais que este último seja bem “escolhido” (Pr 8,10).

De forma semelhante, o orante nos Salmos avalia a “instrução (תּוֹרָה)”, a “norma (עֲדוּת)”, as “ordens (פְּקוּדִים)”, o “mandamento (מִצְוָה)” e os “decretos (מִשְׁפָּטִים)” do “SENHOR” (Sl 19,8-10) – isto é, a proposta de liberdade e justiça, provinda da experiência exodal e narrada no Pentateuco –, como “mais cobiçáveis do que ouro (זָהָב), do que ouro puro (פֶּזֶז) em abundância” (Sl 19,11). E essa convicção é repetida duas vezes na oração mais extensa no livro dos Salmos: “Bom para mim é a instrução de tua boca, melhor do que milhares em ouro (זָהָב) e prata” (Sl 119,72); “Por isso, amo teus mandamentos, mais do que ouro (זָהָב) e ouro puro (פֶּזֶז)” (Sl 119,127). Quer dizer, cabe ao fiel superar a ilusão de ver no ouro aquilo que se tem de mais valioso.

No entanto, a relativização do ouro na *Bíblia Hebraica* não impede que o metal em questão seja considerado belo e, portanto, precioso. É a partir desse pressuposto que as seguintes comparações ganham o seu sentido: “Machês de ouro (זָהָב) em bandejas de prata é a palavra dita no momento oportuno” (Pr 25,11); “Anel de ouro (זָהָב) é um sábio que corrige” (Pr 25,12). Mas isso ainda vale quando se visa a Deus. Ora “o ouro (זָהָב), que vem do Norte”, acompanha o “Todo-Poderoso”, sendo que junto a Deus está uma majestade temível” (Jó 37,22-23). Ora a figura angelical “vista” por Daniel, “um homem vestido de linho, tem os seus rins cingidos com ouro fino (פָּתָם) de Ufaz” (Dn 10,5). Ora uma “pomba, cujas penas são de ouro amarelo (קָרוֹץ) esverdeado”, acompanha o Todo-Poderoso (Sl 68,14).

No Novo Testamento, a reflexão vai na mesma direção. De um lado, o metal em questão aparece com dimensões positivas. Nesse sentido, narra-se como o menino Jesus recém-nascido é presenteado com “ouro (χρυσός)” (Mt 2,11). E, no Livro do Apocalipse, a Jerusalém nova e/ou celeste é de “ouro puro” (Ap 21,18), em especial “a praça da cidade” (Ap 21,21).

De outro lado, porém, as menções do metal em questão, na maioria das vezes, são seguidas de uma reflexão crítica. Nesse sentido, conforme o Evangelho segundo Mateus, Jesus, ao instruir os Doze para sua missão, pede-lhes para “não obterem ouro” (Mt 10,9). Da mesma forma, ele avalia como “insensatez” e/ou “cegueira” querer “jurar pelo ouro do santuário”, avaliando “o santuário, por santificar o ouro, como mais importante do que o ouro” (Mt 23,16-17).

Ao focar na fé e no comportamento das comunidades cristãs, inclusive naqueles que se propõem a anunciar o Evangelho, a postura crítica em relação ao ouro continua. No caso, Pedro afirma “não possuir prata (ἀργύριον) nem ouro (χρυσίον)” (At 3,6). Também Paulo diz “não ter desejado prata ou ouro” (At 20,33). Junto a isso, as “mulheres” são aconselhadas a “não se adornarem com ouro” (1Tm 2,9), ou seja, a não visarem ao “ornamento externo” como as “joias de ouro”, mas à “incorruptibilidade de um espírito manso e tranquilo, “que é de grande valor diante de Deus” (1Pd 3,3-4). Nesse mesmo sentido, “a fé” é avaliada como “mais preciosa do que o ouro precíval” (1Pd 1,7), uma vez que os fiéis “foram resgatados da conduta fútil com o precioso sangue de Cristo, e não com coisas precívais, como prata e ouro” (1Pd 1,18-19). Vale também recordar como Paulo, em Atenas, destaca a importância de “não pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, modelados pela arte e pela imaginação do ser humano” (At 17,29). Pelo contrário, ele, “como sábio arquiteto”, diz “ter construído sobre o alicerce que é Jesus Cristo”, perguntando, portanto, criticamente aos membros da comunidade se eles querem “construir sobre esse alicerce com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha” (1Cor 3,11-13). Semelhantemente, a Carta de Tiago ordena aos “ricos que chozem e se lamentem”, uma vez que “o ouro deles”, como “riqueza podre”, irá “enferrujar”, uma vez que ele resulta do “salário não pago aos trabalhadores” (Tg 5,3-4).

Por fim, o Livro do Apocalipse, como último livro do Novo Testamento, deixa seus alertas em relação ao metal preciso aqui estudado. Ora descreve os “gafanhotos”, realizadores de uma das pragas previstas, com “coroas de ouro sobre suas cabeças” (Ap 19,7). Ora “a grande Babilônia, mãe das prostitutas e das abominações da terra” (Ap 17,5), isto é, “Roma” (MESTERS y OROFINO, 2003, p. 300), é vista como “mulher adornada com ouro” (Ap 17,4; 18,16) ou como “grande cidade” com “mercadoria de ouro” (Ap 18,11-12). Ou seja, o ouro acompanha o poder destrutivo e opressor. Assim, o caminho de salvação precisa ser encontrado naquilo que é dito a uma das comunidades. “Laodicéia”, que se diz “rica” e que é aconselhada a “comprar ouro fino junto a” Jesus (Ap 3,17-18).

4. Considerações finais

Após esses dois olhares para o ouro na Amazônia e para o ouro na Bíblia, o presente estudo insiste na importância do diálogo entre a realidade vivida nos dias atuais e a sabedoria milenar inerente àqueles textos que a fé judaico-cristã escuta e/ou lê como Palavra de Deus e que, dessa forma, se tornou um dos fundamentos histórico-culturais da humanidade. A própria Bíblia inicia essa conversa, porque, ao visar a Deus, quer dizer, inerente à questão religiosa, ela já acolhe a questão socioambiental. Não como tratado sistemático sobre princí-

pios ecológicos, mas de forma literário-poética, trazendo suas narrativas, seus poemas líricos, discursos proféticos e conjuntos de leis.

A Bíblia menciona o ouro quatrocentas e trinta e oito vezes. Ora os textos se interessam pela extração dele e, com isso, pelas artes da mineração e da ourivesaria. Ora acompanham a valorização do ouro como indicador de riqueza, posição social e/ou poder. Além disso, ao introduzir esse metal belo e precioso no espaço sagrado, associa o ouro a Deus. Ao mesmo tempo, porém, a Bíblia traz uma reflexão crítica em relação ao metal em questão. Sabe do perigo de o ouro tornar-se ídolo e/ou perder a sua função social, no sentido de, com ele, fazer-se justiça aos pobres. Em vista disso, os textos milenares, repetidamente, investem na ideia da superação do ouro, negando a este o direito de tornar-se valor absoluto e/ou independente. Pelo contrário, comparados ao ouro, visa-se à superioridade dos mandamentos de Deus e da sabedoria que deles nasce, favorecendo, assim, a construção de convivências mais igualitárias e fraternas, ou seja, de uma sociedade “sem pobre” (Dt 15,4).

Essa visão milenar e religiosa, no entanto, é contradita na história moderna e contemporânea, quando a extração e comercialização do ouro resultam em violência socioambiental, na morte de lideranças defensoras de seus territórios e na contaminação dos biomas. Por centenas de anos, na América Latina, a cobiça por esse metal precioso foi causa de invasão, extermínio e escravidão. Em busca de ouro, milhões de vidas foram sacrificadas. As cicatrizes das minas e os fluxos contaminantes do mercúrio, de um modo indelével, marcam um número grande de territórios. Quer dizer, em vez de “guardar o jardim do Éden” (Gn 2,15), o ser humano amplamente destruiu a sua casa.

Por esses motivos, considerando a força simbólica da comunicação litúrgica, organizações católicas¹⁸ propõem às igrejas que na Eucaristia se considere dar preferência a outros materiais nobres para os vasos sagrados, como permitido pelas disposições do Missal Romano.¹⁹ A rede Igrejas e Mineração, em consonância com as disposições da *Pontifícia Academia das Ciências Sociais*,²⁰ recomenda a congregações religiosas e dioceses o desinvestimento financeiro da mineração,²¹ especialmente do ouro, evitando que o dinheiro administrado pelos cristãos alimente mecanismos de destruição e morte.

¹⁸ Destaque para a campanha da principal organização católica de cooperação solidária na Áustria, Dreikönigsaktion (DKA). Disponível em: <<https://www.dka.at/gold>>. Acesso em 5 maio 2024. A rede Igrejas e Mineração publicou um artigo sobre este tema, disponível em: <<https://iglesiasymineria.org/2023/02/06/eucaristia-y-casa-comun-entre-la-vida-y-el-oro/>>; acesso em: 5 maio 2024.

¹⁹ Instruções gerais do Missal Romano, capítulo VI, III, n. 328-329.

²⁰ “Mensuram Bonam”. Medidas coherentes con la fe para inversores católicos; disponível em: <<https://www.fpablovi.org/documentacion-inversiones-eticas/1656-mensuram-bonam-medidas-coherentes-con-la-fe-para-inversores-catolicos>>; acesso em: 5 maio 2024. Artigo de aprofundamento disponível em: <<https://iglesiasymineria.org/wp-content/uploads/2024/04/Coherencia-etica-en-las-inversiones-ES-11abr.pdf>>; acesso em: 5 maio 2024.

²¹ Disponível em: <<https://divestinmining.org/>>. Acesso em: 5 maio 2024.

Em conclusão, a superação do ouro, modelo de comportamento indicado pela Bíblia, continua a ser de enorme atualidade diante da lógica do extrativismo predatório. Quem, pois, investe em garimpos ilegais, sem projeto de sustentabilidade e/ou garantia de preservar a natureza, se opõe ao que a tradição judaico-cristã acolhe como Palavra de Deus e ao que, humanamente, seria sábio e racional. Mais ainda: adere à mesma dinâmica destrutiva quem usa esse ouro, seja como garantia econômica, seja como joia ou objeto sagrado.

Bibliografia

- BEUKEN, Willem A. M. (2007). **Jesaja 13–27**. Freiburg: Herder.
- BÖHLER, Dieter (2021). **Psalmen 1–50**. Freiburg: Herder.
- DAVIAU, P. M. Michèle (2022). Metal/s, Precious. In: Berlejung, Angelika. **Encyclopedia of Material Culture in the Biblical World: A New *Biblisches Reallexikon***. Tübingen: Mohr Siebeck, pp. 617-624.
- DIETRICH, Walter; ARNET, Samuel (2013). **Konzise und aktualisierte Ausgabe des Hebräischen und Aramäischen Lexikons zum Alten Testament** (Koehler & Baumgartner). Leiden: Brill.
- FISCHER, Georg (2018). **Genesis 1–11**. Freiburg: Herder.
- Grenzer, Matthias; PAULA, Patricia Carneiro de (2020). **A libertação dos egípcios (Ex 3,22; 12,36)**. In: *Interações*, Vol. 15, No. 1, pp. 167-177.
- HÜBNER, Ulrich; ZANGENBERG, Jürgen (2009). Metalle / Metallverarbeitung. In: CRÜSEMANN, Frank; HUNGAR, Kristian; JANSSEN, Claudia; KESSLER, Rainer; SCHOTTROFF, Luise (eds.). **Sozialgeschichtliches Wörterbuch zur Bibel**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, pp. 384-386.
- KEDAR-KOPFSTEIN, Benjamin (1980). כָּפָר. In: Botterweck, G. Johannes; Ringgren, Helmer (Edts.). **Theological Dictionary of the Old Testament**. Volume IV. Grand Rapids, MI: Eerdmans, pp. 32-40.
- KESSLER, Rainer (1986). Silber und Gold, Gold und Silber: Zur Wertschätzung der Edelmetalle im Alten Testament. In: **Biblische Notizen**, Vol. 31, pp. 57-69.
- MARKL, Dominik (2010). Gold. In: Bauks, Michaela; Koenen, Klaus; Alkier, Stefan (eds.). **Das Wissenschaftliche Bibellexikon in Internet**, pp. 1-5. Disponível em: <http://www.bibelwissenschaft.de/stichwort/19808/>. Acesso em: 6 maio 2024.
- MARKL, Dominik (2010). Goldschmied. In: Bauks, Michaela; Koenen, Klaus; Alkier, Stefan (eds.). **Das Wissenschaftliche Bibellexikon in Internet**, pp. 1-5. Disponível em: <http://www.bibelwissenschaft.de/stichwort/19832/>. Acesso em: 6 maio 2024.
- MESTERS, Carlos y Orofino, Francisco (2003). **Apocalipse de São João: A teimosia da fé dos pequenos**. Petrópolis: Vozes.

- SKA, Jean-Louis (2022). **O Livro do Êxodo**. São Paulo: Loyola.
- WAKELY, Robin (2011). אִי. In: Vangemeren, Willem A. (org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, pp. 1048-1057.
- ZWICKEL, Wolfgang (2010). **Atlas bíblico**. São Paulo: Paulinas.